

**Considerações Sobre
a Vida e a Obra de Mattoso Câmara Jr.***

Considerations on Mattoso Câmara Jr's life and work

Lauro BALDINI**

UNIVERSIDADE PAULISTA (UNIP)

RESUMO

Neste texto, tentamos responder algumas questões que dizem respeito à construção da escrita da Lingüística no Brasil. Nesse contexto, interessam-nos questões ligadas ao trabalho de Mattoso Câmara: lingüista em nascimento, lingüista que era gramático, lingüista na terra da gramática. Interessam-nos como se dá a passagem de uma escrita que se modifica a tal ponto de ser reclassificada, redefinida, a ponto de se tornar uma escrita outra.

PALAVRAS CHAVE

Mattoso Câmara. História das Idéias Lingüísticas. Lingüística.

* Este texto é uma versão ampliada e modificada de uma conferência realizada no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP em 13 de abril de 2005.

** Sobre o autor ver página 134.

ABSTRACT

In this text, we try to answer some questions about the construction of Linguistics writing in Brazil. In this context we are concerned with topics related to Mattoso Câmara's work : Born to be a linguist, a linguist who used to be a grammarian, linguist in the land of grammar. We are concerned about the change of a writing that changes so much that it has to be reclassified, redefined, up to the point of turning into another kind of writing

KEY-WORDS

Mattoso Câmara. The History of the Linguistic Ideas. Linguistics.

Joaquim Mattoso Câmara Júnior nasceu no Rio de Janeiro em 1904. Morreu em 1970, oito anos depois de a Lingüística ser incluída no currículo mínimo dos cursos de Letras, em grande parte graças a seu esforço. Há muito que se dizer sobre esse intervalo de 66 anos, principalmente sobre a engenhosa construção de uma escrita (que se inicia quando? – em 1920, quando ele passa a colaborar com poemas na **Revista Social?**), escrita filha de outros textos, e que se tornou, por sua vez, matriz de outros textos, não seus, mas de autores outros, e que, graças a ele e suas lutas, puderam escrever.

Trata-se, é claro, da escrita da Lingüística. Trata-se de fazer sentido em textos que fogem à regra dominante, de criar uma ciência nova numa nação também ainda jovem. Trata-se de um lingüista no que ele mesmo chamou de terra da Gramática.

Um lingüista em nascimento, um lingüista que era gramático. Como se dá essa passagem, ou seja, como é que uma escrita se modifica a tal ponto de ser reclassificada, redefinida, a ponto de se tornar uma escrita outra, que ressignifica a anterior?

Seria só a partir de 1937, quando faz o Curso de Filologia Latina e Neolatina com George Millardet, que poderíamos considerar Mattoso Câmara um lingüista? Ou já havia algo de inquietante em seus textos que o desqualificava para o posto de gramático?

Por outro lado, o que significa sua constante remissão a Said Ali e João Ribeiro? Pode-se dizer que o olhar do agora lingüista enxergava os lingüistas de antes dele, que o eram sem o saber? Ou já o sabiam, mas

faltava-lhes o nome que lhes daria um lugar à parte na história? Como se vê, interrogar a esse desenhista da Inspetoria de Redes e Esgotos o que há de conflituoso e palpitante sob a superfície de seus textos leva-nos a uma rede de outras perguntas, e a mais outras, num círculo tão grandioso quanto sua figura.

É por essa riqueza de significados que me decidir a pousar nosso olhar nessa figura múltipla que é Mattoso Câmara. Porém, é preciso, diante de um olhar tão forte e, de certo modo, ainda tão presente, como é o de Mattoso, baixar os olhos (posto que encará-lo nos hipnotizaria e levaria à adoração do ídolo) e investigar seus sapatos, o movimento das mãos, e, daí, extrair “pistas”, “traços”, que levam à compreensão. Trata-se, para mim, de sabermos nos mover em sua obra com a mesma cautela, ousadia e penetração com que ele se movia na terra dos gramáticos.

I

Começo, então, por falar de uma introdução mesmo, na medida em que todo estudo de uma vida ou de uma obra não pode passar disso: um vislumbre. Pois a vida, assim como a obra que dela se deriva, escapa a qualquer tentativa de catalogação, uniformização ou coerência.

Consolo-me, no entanto, por saber que não há estudos avançados. O entendimento daquilo que se passou entre um corpo e as marcas que este deixou em seus papéis é sempre precário, e tanto pior se o analista se entrega demasiadamente à tarefa de atribuir sentido, pois então fecha numa unidade aquilo que é, por natureza, esgarçado e múltiplo.

E é por isto, também, que digo “uma introdução”. Uma, pois é a minha, naquilo que tem de falha, acertada e singular. E é, além de tudo, uma preocupação de analista de discurso, já que uma das coisas que se aprende é que, nessas horas, no momento de contar a história de outrem, mostra-se mais o modo de ler do que uma verdade escondida de alguma existência.

Por fim, uma última revelação: por que não expor aqui os resultados fragmentários de minha tese de doutorado?¹ Por que há, entre a tese e hoje, um tempo. Um tempo em que pude ouvir falas a respeito de minhas falas e, então, reelaborar meu dizer. Explico melhor: quem se entregar à tarefa

¹ Ver BALDINI, L. (2000, 2002, 2005).

de ler minha tese verá que pouco ou quase nada saberá de Mattoso Câmara. Ali, falo de uma das modalidades de existência de Mattoso, a de ser lingüista. Além do mais, falo de apenas um período dessa modalidade. E, por medo de transformar o texto numa espécie de romance barato a que se poderia dar o título de biografia, restringi ao máximo qualquer consideração nesse sentido. Eu queria falar somente de uma estrutura (o discurso da Lingüística) e de um acontecimento (esse mesmo discurso e suas errâncias num ponto localizável: o Brasil, numa certa conjuntura). Acabou que falei um pouco de estrutura e um pouco de acontecimento, e quem ler meu texto verá que se pode considerar até que não existiu, a não ser como fato de discurso, essa figura chamada Joaquim Mattoso Câmara Jr.

Assim, aqui, hoje, pensei em dar um pouco de vida a essa figura, até mesmo como uma primeira e aproximada resposta às indagações que me foram feitas à época da defesa de minha tese. Mas, vejam: não é romance. O que escrevo vem de uma convivência com certos textos de Mattoso. Vem de uma leitura que me consumiu alguns anos. Gostaria de dizer: vem de uma certa intimidade. Devido a isso, há um critério para pensar o que vou dizer – não um critério de verdade, mas um critério de leitura. Por que, da verdade de Mattoso, quem poderá dizer?

II

Em 1904, no Rio de Janeiro, capital do Brasil, esse corpo que já tem seu nome passa a existir juridicamente. Tem seus papéis, não no sentido de papéis que sejam seus, mas de papéis que lhe marcam o aparecimento: uma certidão de nascimento, provavelmente seguida por uma certidão de batismo. É um menino, na meninice de um século. E pouco se saberá de sua existência interior, de seus medos, de suas aflições, de seus prazeres ou sonhos. Sobre isso não vi nada escrito. Então imagino – mas não invento.

É de boa família, seu pai é advogado e político, fez seus estudos iniciais em casa e, com 22 anos, em 1926, consegue o cargo de desenhista da Inspetoria de Águas e Esgotos. Pensemos no famoso e mítico lingüista Mattoso Câmara como desenhista... Não deve ter sido sem alguma motivação, pois, no ano seguinte, o mesmo se forma na faculdade de Arquitetura. E, mais um ano, já o vemos como professor. Professor do Ensino Profissional da Prefeitura do Distrito Federal: aos 26 anos, ele ensina Latim e Português.

Temos, então, um arquiteto, um desenhista, um professor. E as coisas seguirão assim, sem nenhuma decisão. Em 1932, Mattoso se forma em Direito. Temos agora, também, um bacharel. Seria tentador afirmar aqui que nosso lingüista fundador não sabia muito bem o que fazer. Talvez seja este um traço dos fundadores: por não saberem o que fazer, ou por não se adaptarem aos fazeres disponíveis, acabam por inventar novas coisas.

De qualquer modo, há aqui uma data que quero marcar: 1934. Mattoso já está em seus 30 anos e, durante todo o ano, irá publicar no **Correio da Manhã** suas **Pequenas Lições de Português**, em artigos assinados simplesmente “C.”. Ora, nosso homem não ousava assinar seu nome. Percurso interessante: ele começa escrevendo sem se nomear e termina assinando um livro incompleto depois de morto.² Estranho destino o dos nomes...

No ano seguinte, publica, simultaneamente, **Elementos de Português, Premières Leçons de Français e Elements of English**, para o ensino primário. Há algo de interessante aqui, também: nosso lingüista nunca deixará de ser professor. Mas nem sempre poderá dar aulas onde quer, como veremos.

Muito bem, este mesmo homem, que não assinava seu nome, vai passar a fazê-lo. Neste mesmo ano de 1935, Mattoso se insere pela via dos jornais e cartas abertas, no debate sobre a denominação do idioma nacional.

III

Talvez não seja apenas impressão minha o enfado que vejo nos textos de Mattoso sobre a questão do nome do nosso idioma. Sem tergiversar, Mattoso vê na idéia de uma língua brasileira a mentalidade tacanha daqueles que querem dar ao país uma língua própria, mesmo que não exista, por um certo nacionalismo ignorante. Pacientemente, ao longo de 4 artigos publicados no **Jornal do Brasil**, Mattoso vai desconstruindo cada uma das justificativas do projeto do Deputado Artur Neiva, que pretendia que, pelo menos no Distrito Federal, o idioma falado fosse denominado “Língua Brasileira”. É interessante, ainda, ver que o lingüista (ainda não lingüista?) monta sua argumentação na base da observação do idioma e de seu funcionamento.

² Trata-se de **Estrutura da Língua Portuguesa**, obra inacabada e de edição póstuma. Ver obra Câmara Jr. (1970).

Já se pode ver aí, se não o estruturalista, o homem preocupado com os “fatos” tais como eles são, e não como gostaríamos que fossem.

Tais textos são, como aqueles publicados em 1934, **Pequenas Lições de Português**, mas agora com um nome que lhes indica o autor. Trata-se do “Prof. J. Mattoso Câmara Jr.”, que é como ele assina. Num ano, o autor de artigos sem nome de autor; no ano seguinte, o professor que se envolve, marcando seu nome, numa polêmica onde há mais questões políticas que propriamente lingüísticas, e que diz: “o apelativo portuguesa para a nossa língua evidentemente se impõe, não porque Portugal prepondere sobre o Brasil, mas porque só assim é assinalada a continuidade do idioma em multiseular existência” (CÂMARA JR., 1935). E diz mais ainda, por exemplo a respeito das motivações do projeto: “daí o afan de tentar-se quebrar um elo tradicional pelo prazer de, pueril e aparentemente, renegar o passado” (CÂMARA JR., 1935).

Não vejo aí Mattoso como um homem tradicionalista, no sentido pejorativo da palavra. Mas um homem que sabe que a língua carrega as marcas de sua história e que é inútil, com nomes, tentar mudar os percursos de uma língua no mundo. E sabe ainda mais: que é hora de assinar, ele também, seu nome.

IV

O casamento traz ao homem uma certa necessidade de posicionar-se frente à vida, como se diz por aí. Talvez seja verdade. Pelo menos para o Prof. J. Mattoso Câmara Jr., já que, no ano de 1936, ele se casa aos 32 anos e, um ano depois, abandona definitivamente o cargo de desenhista e assiste, como ouvinte, o curso de Filologia Latina e Neolatina de Georges Millardet na Universidade do Distrito Federal.

Mattoso concluiu o curso brilhantemente, pois, mesmo sendo apenas ouvinte, foi indicado por Millardet, no ano seguinte, para ser professor, na Universidade do Distrito Federal, de Latim e Lingüística. Neste mesmo ano, Mattoso traduz a obra de Sapir “A linguagem”, que ficará quase duas décadas em sua gaveta ao sabor dos ventos editoriais.

Temos, agora, a liberdade de chamar Mattoso de lingüista, pois ele é professor de Lingüística... Mas a alegria dura pouco, e, no mesmo ano, a Universidade de Distrito Federal é fechada pelo Estado Novo. Mattoso,

no entanto, já dava aula em diversas instituições particulares de ensino, além do cargo de professor público. Ao mesmo tempo, ensinava “Expressão Oral e Escrita” na Escola do Comando e Estado-maior da Aeronáutica. Sem uma cadeira própria de Lingüística, Mattoso ministra um curso de extensão da mesma disciplina na Faculdade Nacional de Filosofia. Como voluntário, passa a trabalhar no Museu Nacional e publica por esta mesma instituição **Lingüística e Etnologia**. Ele sabe se virar...

E se vira tão bem que não hesita em publicar, pela Revista de Cultura, durante os anos de 1939 e 1940, suas **Lições de Lingüística Geral**, embrião de seu futuro **Princípios de Lingüística Geral**, cuja primeira edição é de 1941. Neste ano, portanto, passa a existir, em português, um manual de Lingüística.

O homem que não gostava de renegar o passado e que dizia abertamente que a língua falada no Brasil era a portuguesa, sabia que não se faz história mudando nomes, mas, sim, trabalhando. Digo isso porque, em Portugal, só houve um manual de Lingüística 20 anos depois do de Mattoso...

Diante de tudo isso, não é difícil imaginar que Mattoso seja um homem de energia. De fato, o que há é apenas o curso de Millardet. Mas Mattoso logo se embrenha nas questões mais controversas e profundas da Lingüística, e eu não posso evitar pintá-lo lendo obsessivamente diante de sua escrivaninha, anotando, rascunhando. Aquela força dispersa em tantas atividades e estudos agora passa a se concentrar numa só carreira, a de lingüista. Um lingüista sem posto.

V

Em 1943, Mattoso vai para Nova Iorque, com bolsa da Fundação Rockefeller, estudar com grandes nomes da Lingüística mundial, entre eles Jakobson. O quarentão Mattoso estuda Sânscrito, Grego, Lingüística Comparada, Lingüística Geral, Fonética Experimental, Geografia Lingüística e Línguas da África. De todos esses cursos, os que deixarão mais marcas serão os ministrados por Jakobson: Lingüística Geral e Lingüística Comparada. Além disso, Mattoso assiste a várias conferências, ministradas por lingüistas diversos, como, por exemplo, Bloomfield.

Vê-se, assim, que são dois estrangeiros os responsáveis pela entrada e permanência de Mattoso na Lingüística: Millardet e Jakobson. No entanto,

se as coisas permanecessem nesse nível, Mattoso não seria mais que um divulgador de um saber construído alhures e do qual poderia ser considerado representante. Mas não é este o movimento de Mattoso: nesta fase, começam a surgir suas resenhas sobre autores renomados da Lingüística, mas, também, começa uma etapa de (re)conhecimento de uma filiação à história da gramatização brasileira. Mattoso busca, no passado, os autores brasileiros que reforçam seu dizer e o retiram da solidão inescapável de um lingüista na terra da gramática. Destes, Said Ali e João Ribeiro desempenharão um papel especial na construção de uma memória que sustenta o dizer de Mattoso e que lhe proporcionam um papel muito superior ao de mero comentador de um saber estrangeiro.

VI

Há um período da vida de Mattoso, a partir de 1948, que me parece ser de um relativo sucesso – em comparação com o período anterior. Mattoso torna-se regente da cadeira de Lingüística da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Enfim, há, institucionalmente, um lugar para Mattoso e o que ele diz. Um lugar frágil, já que a Lingüística no Brasil ainda luta para ser aceita como um saber, mas um lugar. O Prof. Mattoso Câmara Jr. é agora, de fato, professor.

Em 1949, defende sua tese de Doutorado, sendo titulado “Doutor em Letras Clássicas” com o trabalho **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**,³ na mesma faculdade em que leciona. Em 1952, torna-se livre-docente, com a tese **Contribuição para uma Estilística da Língua Portuguesa**,⁴ na mesma instituição. Ambos os trabalhos são publicados, o primeiro em partes e o segundo em sua totalidade.

Mattoso não é mais, então, o ex-aluno de Millardet, o estudante que foi para os Estados Unidos, ele é um agora um homem com seus títulos, com papéis que lhe garantem e sustentam o discurso. No entanto, ou por isso mesmo, sofre ataques pessoais e sabotagens profissionais, às vezes envolvendo-se em polêmicas em que não tem nada a ganhar.⁵

³ Ver CÂMARA JR. (1953).

⁴ Ver CÂMARA JR. (1952).

⁵ O acervo de Mattoso Câmara Jr. na Universidade Católica de Petrópolis é rico em cartas, anotações e documentos em que Mattoso relata acontecimentos desta natureza.

O que importa é que esta segunda fase de sua vida será marcada por publicações importantes, por seu envolvimento em debates nacionais controversos e em que, não raramente, está sozinho. Mas isso ele tira de letra e, além do mais, tem a companhia de pares que foi buscar no fundo do baú, como veremos a seguir.

VII

Então haveria, para Mattoso Câmara, lingüistas antes da Lingüística? Uma resposta a esta pergunta só pode ser ensaiada se levamos em conta o lugar proeminente que ele deu a João Ribeiro e a Said Ali, uma vez que estes dois são recorrentemente citados nos textos de Mattoso acerca da história dos estudos de linguagem no Brasil.

Em **Os Estudos de Português no Brasil**, de 1966, João Ribeiro surge como aquele que, com relação à questão da norma literária, foi *o precursor de uma nova atitude* Said Ali, por sua vez, aparece sob a rubrica **Teoria Gramatical**, e é visto, ao lado de Maximino Maciel, como um dos que atuaram no campo da gramática descritiva. Neste mesmo contexto, reaparece João Ribeiro, agora como “*uma figura curiosa*”, “*o menos gramatical de nossos gramáticos*”, caracterizado por uma “*hostilidade à orientação neogramática e grande simpatia pelo ponto de vista idealista de Vossler*”. Mattoso reprova-lhe por manifestar uma teoria gramatical em que é “*assistemático, incoerente e um tanto controvertido consigo mesmo*”, alguém que se compraz “*no particular e no anedótico*” (cf. CÂMARA JR., 1966, p. 237).

Já em **A Lingüística Brasileira** (1968), Mattoso parece ser mais incisivo quanto ao caráter inovador de ambos os pensadores. Após dizer que “*por muito tempo o Brasil apenas imitou o que era dito em Portugal, sem nenhum traço de investigação original*” (CÂMARA JR., 1968, p. 47), o autor irá colocar como exceção justamente João Ribeiro, que “*deu ênfase aos princípios idealistas de Vossler ao tratar de problemas da gramática história portuguesa*” (CÂMARA JR., 1968, p. 47). Com relação ao problema da denominação do idioma falado no Brasil, “*quase não se consultavam os filólogos, os quais, aliás, não tinham, em geral, idéias precisas e coerentes sobre o assunto*” (CÂMARA JR., 1968, p. 49). Mas, mais uma vez, entra em cena João Ribeiro, que assim defendia a adoção da expressão “*língua nacional*”:

Não era a defesa nem a apologia intencional de solecismos, de barbaridades e de defeitos indesculpáveis. Era muito mais erguido e alevantado o meu propósito. Tratava-se da independência do nosso pensamento e da sua imediata expressão (CÂMARA JR., 1968, p. 49).

Said Ali, “gramático dotado de aguda percepção, embora muito apegado à gramática tradicional” (CÂMARA JR., 1968, p. 52), é o único digno de nota quanto à “descrição gramatical”, já que “não houve nenhum progresso considerável desde a década de 20” (CÂMARA JR., 1968, p. 52).

Este é, em linhas gerais, o tratamento dado por Mattoso a Said Ali e a João Ribeiro em seus artigos de maior fôlego. Do ponto de vista discursivo, como considerar o modo como são inseridos estes dois autores no discurso de Mattoso? Isto é, como funcionam?

Veja-se que tanto Ali quanto Ribeiro são vistos com uma certa ressalva, embora por razões diferentes: Ali é muito apegado à gramática tradicional e Ribeiro, por sua vez, possui um caráter tão assistemático que beira a incoerência, além de enfatizar demais aquilo em sua descrição que pode ser considerado extravagante. Parece-me que, em um e outro caso, Mattoso indica que os autores pagaram o preço de suas épocas, isto é, não conseguiram desvencilhar-se dos preconceitos e pontos de vista de seus tempos. No entanto, algo sobressai, fazendo com que Ali e Ribeiro possam ser vistos como antecedentes de Mattoso: ambos atingiram algo que, para Mattoso, é da ordem de um funcionamento da língua. São, deve-se dizer, exceções. Assim, ao traçar a história dos estudos de linguagem no Brasil, Mattoso filia-se àquilo que ela teve de singular e marginal. Portanto, o discurso de Mattoso não tem seu amparo no discurso que se firma no Brasil, mas, pelo contrário, em discursos que *não se firmaram*.

VIII

O risco mais provável, e também menos evidente, é o de se ler a leitura que Mattoso Câmara faz dos estudos da linguagem no Brasil segundo sua própria perspectiva, isto é, segundo um desenvolvimento linear e progressivo rumo à cientificidade. Nesse caso, a paráfrase do discurso mattosiano é o máximo que se pode alcançar.

Ora, se temos em vista uma análise do discurso de Mattoso, é preciso precaver-se contra estes percalços metodológicos: trata-se de situar-se no

dispositivo teórico da interpretação, ou seja, interpretar o dizer de Mattoso segundo uma teoria que sustenta essa interpretação e que faz com que ela alcance um real, o real do processo sócio-histórico de significação, numa palavra: o discurso.

Sob esse prisma, a primeira coisa a se perguntar é o lugar de onde Mattoso fala, a posição por ele sustentada. Os principais textos em que ele trata da questão de organizar cronológica e teoricamente a história dos estudos da linguagem no Brasil são **As Idéias Gramaticais de João Ribeiro e Said Ali e a Língua Portuguesa**, ambos de 1961; seguidos de **Antenor Nascentes e a Filologia Brasileira** e **Os Estudos de Português no Brasil**, de 1966; e **A Lingüística Brasileira**, de 1968.

Nos dois últimos textos, Mattoso situa o lugar próprio da Lingüística como tendo seu início no final do século XIX. É, portanto, num lugar que vê a língua como estrutura e como sistema que o autor considera que se inicia o saber da Lingüística enquanto ciência. E é, do mesmo modo, deste lugar que ele fala. Daquele que procura encontrar no passado o antecedente de uma posição.

É, portanto, com relação a um *lugar descritivo* que o discurso mattosiano se instaura. A eleição deste ou daquele autor não se dá por nenhum outro critério além do da correção descritiva. Vê-se, então, que é em relação a um certo modo de *falar da língua* que o discurso de Mattoso se situa, ou, para ser preciso, em relação a um funcionamento. Uma vez compreendido este ponto, muitas das (pseudo)questões sobre esta ou aquela escolha de Mattoso no que se refere à atividade de historiar os estudos de linguagem no Brasil perdem seu sentido, uma vez que se deve levar em conta não o acerto ou erro de uma dada descrição, mas, sim, seu modo de fazê-lo.

Assim, o que se pode afirmar com relação à atividade historiográfica de Mattoso é que se trata de um *discurso* que procura a si mesmo no passado. Se ele faz esta ou aquela ressalva relativamente a uma certa descrição de língua, isto não impede que ele situe esta certa descrição como isto que ela é: uma *descrição*. E não apenas isso, mas uma posição que, bem ou mal, está do lado de um discurso que procura compreender a língua enquanto estrutura.

IX

Como disse, é com relação a um certo modo de dizer da língua que Mattoso coloca seu próprio dizer, isto é, seu discurso se apropria e se instaura sob outros discursos que lhe garantem não só uma herança, mas uma herança chamada *nacional*. Esta herança, assim, se dá pelo (re)conhecimento de uma identidade entre discursos dispersos no tempo:

Só assim [com a tomada de consciência sobre os antecessores] se conseguirá engrenar o pensamento atual com o passado, condição precípua para desenvolvermos uma ciência lingüística bem plantada em nosso meio e sem maior solução de continuidade no tempo, o que é, por sua vez, imperativo para não cairmos no arremedo do pensamento doutrinário estrangeiro, elaborado na base de outras línguas, de outras experiências lingüísticas ou mesmo de uma filosofia da linguagem que [como, por exemplo, a do behaviorismo de Bloomfield] não se coaduna com a nossa vivência neste particular (CÂMARA JR., 1961a, p. 212).

João Ribeiro, o “raciocínio agudo e penetrante”, dono de “erudição enorme e incansável”, surge não como aquele que lhe garante um lugar (pela noção de “fato”, como veremos adiante, mas também e essencialmente porque possui algo que Mattoso valoriza: “sempre ouvir e pesar as objeções, e aceitá-las de boa mente sempre que lhe pareciam afinal acertadas” (CÂMARA JR., 1961a, p. 214). Vê-se aqui, como em outros lugares, aquilo que se pode chamar de um rigor descritivo, que leva o discurso de Mattoso Câmara a se deter em outros discursos, mesmo que para desconsiderá-los. Trata-se de um funcionamento que, como já dissemos em outras oportunidades, faz do discurso de Mattoso algo singular e, ao mesmo tempo, semelhante a outros discursos.

Evidentemente, esta semelhança tem limites, e João Ribeiro será visto como alguém que “não se vexa de ficar indeciso, pesando escrupulosamente os prós e os contras de cada opinião doutrinária, numa encantadora indecisão que não receia sequer a incoerência” (CÂMARA JR., 1961a, p. 214). Esta incoerência, por sua vez, é o que o salva “da atitude de legislador formalístico e convencional (que é a regra geral do seu tempo e persiste ainda hoje) para se tornar o pesquisador, sereno e honesto, de uma ordem de fatos sociais – os fatos da língua” (CÂMARA JR., 1961a, p. 214). No entanto, esta serena honestidade às vezes torna o discurso de João Ribeiro algo tão diluído: “é

possível que tenha levado um pouco longe demais a revisão das próprias idéias”. Isso o tornava “pouco gramatical, não por falta de perspicácia gramatical (que a tinha muito grande), mas por tendência mental do pesquisador curioso e assistemático” (CÂMARA JR., 1961a, p. 214).

Todas estas precauções, todavia, não desfazem o valor de uma época, se olharmos para o passado considerando-o em suas determinações, como o faz Mattoso:

não examiná-los com a superioridade tola de quem está sobre eles adiantado, apenas, por viver numa época mais adiantada que a deles; mas estudá-los com carinho, procurando apreciá-los em sua própria época e sobretudo depreender o que há de valioso e rico numa exposição que pode nos parecer obsoleta, ou até inteiramente superada (CÂMARA JR., 1961a, p. 222)

Assim, embora se possa dizer que o discurso de Mattoso veja o de João Ribeiro com um certo ar de condescendência, esta se deve ao rigor do primeiro em respeitar os limites históricos de uma época. Ao mesmo tempo, Mattoso consegue enxergar, a despeito de toda e qualquer fluidez exagerada do discurso de João Ribeiro, algo que é da ordem de uma certa autoria: uma autoria que se estabelece por seu olhar sobre a língua, buscando-lhe as regularidades.

X

Said Ali, no entanto, não tem o pecado que João Ribeiro carrega: não é assistemático como este e possui o mesmo olhar “desinteressado” pela língua: “[Said Ali] sobreleva no grupo pela muito maior firmeza de propósitos e nitidez de doutrina” (CÂMARA JR., 1961b, p. 224). Além disso, esse certo modo de funcionar de um discurso, essa certa maneira de falar da língua pode, segundo Mattoso, ser assim descrita:

a sua fisionomia filológica [de Said Ali] é a do que hoje chamaríamos um “estruturalista”, vindo na língua uma “estrutura”, ou rede complexa, mas regularmente traçada, de fatos que se relacionam e se opõem em configurações muito nítidas que ao lingüista cabe depreender (CÂMARA JR., 1961b, p. 224).

A erudição presente em João Ribeiro está aqui contemplada, pois Ali “conheceu bem o ponto de vista saussuriano” (CÂMARA JR., 1961b, p. 224),

assim como a atitude científica deste, uma vez que o “espírito arejado e lícido” de Ali é algo que não se pode não notar, para Mattoso.

Não bastassem as qualificações acima, Ali é o autor de uma gramática que, para Mattoso, não foi ainda superada por nenhuma outra, mesmo considerando-a tradicional em sua forma e propósito. É que nesta obra Ali alcança uma descrição rica e complexa do Português. Ora, mais uma vez vemos aí a questão da *descrição*. Voltaremos a isto mais adiante.

XI

Vê-se que, essencialmente, são dois os alicerces sobre os quais Mattoso erige sua leitura de João Ribeiro e Said Ali: ambos são eruditos, mestres na descrição, e não se vexam de analisar e adotar visões contrárias às suas quando se lhes parece mais adequado. Desse modo, parece-me que há dois pólos em que se fixa o discurso de Mattoso a respeito do passado: um, o do acerto descritivo, e o outro, o da atitude descritiva. Sob esse ponto de vista, para ele, tanto João Ribeiro como Said Ali elevaram-se de seu tempo, pois ambos fizeram descrições acertadas de aspectos do Português do Brasil e, além disso, souberam *ouvir outros discursos* sobre a língua. Temos, portanto, não só o fato de que Ali e Ribeiro souberam *descrever*, mas também o fato de que os dois autores possuíam um *espírito descritivo*.

Ambos profundos conhecedores dos neogramáticos, dotados de uma certa atitude “germânica” quanto à Ciência, mas, por outro lado, inimigos das descrições “geométricas” e sem vida. Embora conheçam o ponto de vista dos comparatistas, não se colocam sob ele, adotando, com relação à língua, uma atitude mais idealista (João Ribeiro) ou estrutural (Said Ali).

Bem, temos aí algo que talvez se possa sintetizar como uma contradição mattosiana, não no sentido de um defeito, mas de algo que faz funcionar um discurso e ao mesmo tempo determina seus limites. Mattoso, embora bastante simpático ao estruturalismo, traz, em certos textos, um sujeito psicológico que não condiz com esta atitude. Como analisar esta contradição?

A resposta Mattoso mesmo a dá ao falar sobre o perigo de

cairmos no arremedo do pensamento doutrinário estrangeiro, elaborado na base de outras línguas, de outras experiências lingüísticas ou mesmo de uma filosofia da linguagem que [...] não se coaduna com a nossa vivência neste particular (CÂMARA JR., 1961a, p. 212).

Como se vê, para Mattoso é importante que nossa teoria lingüística seja elaborada a partir de “nossa língua”, “nossa vivência”. Sendo assim, as possíveis heterogeneidades de seu discurso devem ser analisadas como historicizações de discursos outros, e não como incoerências ou erros de apreciação, como se faz por vezes.

A questão da erudição, assim, vê-se embutida de uma nova finalidade: não se trata de saber o saber estrangeiro, mas, sim, de saber o saber estrangeiro na medida em que isto propicia um saber nacional. Isto é, trata-se de estar no discurso estrangeiro para erigir um discurso nacional. Como o próprio Mattoso diz, sofremos dos defeitos de nossas qualidades, o que pode ser dito sob a perspectiva da AD como: as contradições de nosso discurso são elas mesmas aquilo que nos permite dizê-lo.

XII

Em 1970, morre Mattoso Câmara Júnior. Não sabemos nada, ou pelo menos não sei eu, das dores que esta morte causou nos diferentes registros das relações que construiu em vida. Mas sabemos que, do ponto de vista do discurso, Mattoso de fato morreu um pouco. A Lingüística brasileira irá saber se manter sem a voz dele. Na verdade, parece que sua voz irá diminuir em intensidade e volume ao longo dos anos, para só agora ser retomada na forma de discursos, homenagens, publicações...

O que houve para que tal desenvolvimento ocorresse não cabe discutir aqui. Mas sabemos bem que nós, lingüistas, muitas vezes, digerimos ensinamentos estrangeiros sem a devida atenção ao que já se havia produzido aqui nestes termos. São, como se diz, fatos da história... Graças a certos pesquisadores,⁶ hoje em dia estamos voltando nossos olhos para nossos antepassados no campo das Ciências da Linguagem. Pessoalmente, eu gostaria de ver novas edições de clássicos do pensamento lingüístico brasileiro.

Voltemos um pouco na história e retomemos a afirmação de Saussure em seu Curso de Lingüística Geral: *A Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma* (cf. SAUSSURE, 1916). Não é preciso repetir a velha história de que nesse gesto ele retirou da língua qualquer

⁶ Não posso deixar de mencionar aqui o Projeto História das Idéias Lingüísticas, coordenado por Eni Orlandi (UNICAMP), e o Projeto Historiografia da Lingüística Brasileira, coordenado por Cristina Altman (USP).

exterioridade e, assim, pôde constituí-la enquanto objeto de uma Ciência, a Linguística (o tão falado *arte saussureano*). O importante é ver como essa fala não chega tal como está no Brasil, é preciso uma longa preparação e sua inserção numa história própria na qual ela se insere. Penso que é possível e coerente dizer que a argumentação de Mattoso pode ser resumida nessa afirmação de Saussure. Mas, por outro lado, ela não aparece em nenhum momento. Sua presença no texto está indicada por sua ausência mesma, pelo fato que, para fazer sentido, ela teve que se constituir no território brasileiro, fato que lhe determina o modo de aparecimento.

Para que o discurso de Saussure fizesse sentido, portanto, foi preciso que ele se historicizasse no Brasil. Vale a pena aqui, mais uma vez, retomar Mattoso Câmara ao falar da diferença entre o português do Brasil e o de Portugal. Para ele, o problema era, fundamentalmente, o fato de que a língua estava em dois territórios diferentes. Ora, passa-se o mesmo com o discurso saussureano; ele teve de se colocar na história brasileira e, para isso, foi preciso um trabalho de deslocamento e filiação aos discursos disponíveis em que a noção de fato desempenhava um papel importante e singular. Não há nisso nenhuma concepção de um sujeito consciente que deliberadamente tornava o discurso de Saussure palatável: com mais propriedade, devemos falar de uma autoria sendo construída nos interstícios das posições existentes e retirando delas a possibilidade de fazer sentido. Fazer história.

É desse modo que se pode ver com clareza o lugar de “habitante da contradição” que conferimos a Mattoso. Um filólogo-lingüista-professor-pioneiro-gramático na *terra da gramática* que, em sua construção enquanto autor passa a ser simplesmente *um lingüista na terra da gramática*. E que, como aquele genebrino que invocava tanto, *ficou sozinho com seus problemas...* E que, também como ele, mas *numa história diferente* (em outra ordem discursiva, em outra memória), sofreu o infortúnio e o gozo de todo criador (de todo autor): “uma certa exigência, escondida, permanente, que o sustenta e o devora, que lhe guia os pensamentos, lhe designa a sua tarefa, estimula-o nas suas fraquezas e não lhe dá trégua quando tenta escapar-lhe” (BENVENISTE, 1966, p. 35).

Não há melhor definição do lugar mattosiano: um corpo que sofre e sente o destino de (trans)portar um discurso e fazê-lo ter sentido numa

história que, ao mesmo tempo em que lhe prevê o lugar, resiste à sua aparição. Só lhe restou, a seu modo, seguir essa exigência escondida e permanente que vinha de fora dele, mas que, paradoxalmente, o constituía.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDINI, Lauro. A Nomenclatura Gramatical Brasileira Interpretada, definida, comentada e exemplificada. **Sínteses**, Campinas, n. 5. p. 59-81, 2000.

BALDINI, Lauro. João Ribeiro e Mattoso Câmara entre os fatos da linguagem. In: ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. **A Institucionalização dos Estudos de Linguagem no Brasil**. Campinas: Pontes, 2002. p. 31-39.

BALDINI, L. J. S. **Um Lingüista na Terra da Gramática**. 2005. 132 fl. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, Campinas, 2005.

BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995. p. 34-49. Edição original: 1966.

CÂMARA JR., J. M. Colaboração – tratando do processo do Dep. Artur Neiva. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24 a 31 dez. 1935.

CÂMARA JR., J. M. **Princípios de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1964. Edição original: 1941.

CAMARA JR., J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977. Edição original: 1953.

CAMARA JR., J. M. **Contribuição à Estilística Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico/Mec, 1977. Edição original: 1952.

CAMARA JR., J. M. As idéias gramaticais de João Ribeiro. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.). **Dispensos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. p. 212-222. Edição original 1961a.

CAMARA JR., J. M. Said Ali e a Língua Portuguesa. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.). **Dispensos de J. Mattoso Câmara Jr.** Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004. p. 223-226. Edição original 1961b.

CAMARA JR., J. M. Os estudos de português no Brasil. In: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (Org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.**, Editora Lucerna, 2004. p. 231-258. Edição original 1966.

CAMARA JR., J. M. A Lingüística Brasileira.⁷ In: NARO, Anthony Julius. **Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 47-66. Edição original: 1968.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1985. Edição original: 1970.

CAMARA JR., J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1985. Edição original: 1972.

SAUSSURE, F. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1969. Edição original: 1916.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALTMAN, C. F. S.; et al. 25 anos sem Mattoso Câmara Jr. **Estudos Lingüísticos**, Taubaté, n. 25. p. 18-19, 1996.

ALTMAN, C. **A Pesquisa Lingüística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, 1998.

BORGES NETO, J. Lingüística no Brasil: mera importação de modelos estrangeiros? **Boletim da ABRALIN**, n. 8, p. 77-82, 1986.

BOSSIER, W. **Evocação de um Exímio Lingüista Brasileiro**. Coimbra: Vértice, 1971.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de Filologia e Gramática**. Petrópolis: Vozes, 1981. Edição original: 1956.⁸

CASTILHO, A. T. de. Estudos lingüísticos no Brasil. **ALFA – Revista de Lingüística**, São Paulo, n. 2, p. 9-24, 1962.

⁷ Tradução do artigo Brazilian linguistics. In: SEBEOK, Thomas A. **Current Trends in Linguistics**, v. 4, The Hague: Mouton 1968, p. 229-247.

⁸ Em sua primeira edição, o dicionário intitulava-se **Dicionário de fatos gramaticais**; em 1963, na segunda edição, o título é alterado para **Dicionário de Filologia e Gramática**; em 1977, já após a morte do autor, o título se torna finalmente **Dicionário de Lingüística e Gramática**. Tive oportunidade de comentar essas mudanças em Baldini (2000).

COELHO, O. Filologia e Lingüística no Brasil (1940-1960): o ponto de vista filológico. **Boletim Historiografia Lingüística**, São Paulo, v. 3, n. 1, 1999.

FONSECA, O. Mattoso Câmara Jr., pioneiro. **Revista de Letras**, Assis, n. 16, p. 203-210, 1974.

FRANÇA, Â. **Texto e Contexto nos Escritos Lingüísticos de Mattoso Câmara (1938-1954)**. 1998. 374 f. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

GUIMARÃES, E. Sinopse dos estudos do Português no Brasil. In: GUIMARÃES, E. ORLANDI, E. (Org.). **Língua e Cidadania: o Português no Brasil**. Campinas: Pontes, 1996. p. 127-138.

GUIMARÃES, E. História da gramática no Brasil e ensino. **Relatos-Publicação do Projeto História das Idéias Lingüísticas**, Campinas, n. 5, p. 7-13, 1997.

HAMPEJS, Z. Filólogos brasileiros: J. Mattoso Câmara Jr. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 20 ago. 1961.

LEITE, Y. Unidade e diversidade na obra de Mattoso Câmara Jr. **Boletim da ABRALIN**, n. 12, p. 180-192, 1991.

OLIVEIRA, S. E. de. **Os Sentidos como História nas Idéias de M. Said Ali**, 1998. Texto inédito.

ORLANDI, E. P. (Org.). **Discurso Fundador: a Formação do País e a construção da Identidade Nacional**. Campinas: Pontes, 1993.

ORLANDI, E. P. O Estado, a gramática, a autoria". **Relatos- Publicação do Projeto História das Idéias Lingüísticas**, São Paulo; Campinas, n. 4, p. 5-12, 1997.

ORLANDI, E. P. O estado, a gramática, a autoria: língua e conhecimento lingüístico. **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**, Campinas: Pontes, n. 4/5, p. 19-34, 2000.

RIBEIRO, J. **Diccionario Grammatical**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906. Edição original: 1889.

RODRIGUES, A. D. A obra científica de Mattoso Câmara Jr. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 6, p. 83-94, 1980.

Campinas, agosto de 2005.

SOBRE O AUTOR

Lauro Baldini é doutor em Lingüística pela Unicamp. Autor da tese **Um lingüista na terra da Gramática**. Autor dos artigos *Algumas notas sobre o significante, o acontecimento e a singularidade*, *A Nomenclatura Gramatical Brasileira Interpretada, definida, comentada e exemplificada*, *NGB e a autoria no discurso gramatical*. Autor dos capítulos de livro: *João Ribeiro e Mattoso Câmara entre os fatos da linguagem*, *Verdade e ficção em dois filmes brasileiros*.